

DÍVIDA EXTERNA

Os credores comentam a proposta de Bresser: radical, absurda, inaceitável, uma loucura.

Mas em Viena as reações variaram do elogio, feito por um senador dos EUA, à crítica. Para o representante canadense, Bresser foi imprudente

O governo brasileiro vai ter que conversar muito para convencer seus credores, privados e públicos, a aceitarem a proposta de renegociação da dívida externa que será definitivamente apresentada em meados do mês, às vésperas da abertura da reunião do FMI, nos Estados Unidos, mas cujas principais linhas foram anunciadas ontem, em Viena, pelo ministro da Fazenda, Bresser Pereira, em palestra dirigida aos participantes do "U.S. Congressional Summit".

Isso porque as reações da plateia, onde se encontravam banqueiros norte-americanos e europeus e altos funcionários de países credores, inclusive o presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, foram controvertidas. Enquanto o senador democrata norte-americano, Charles Schumer, membro do "Committee on Banking, Finance", aplaudia a iniciativa, considerando-a mesmo mais importante do que o próprio plano, outros a definiam como muito confusa, preferindo esperar que ela deixe de ser apenas um esboço e possa ser apresentada em sua forma definitiva.

Foi o caso do presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, que indagado respondeu com um "no comments" e acrescentou: "Ou compreendi muito bem e não haverá nenhuma possibilidade de dar certo ou não entendi nada". Por isso, Trichet prefere esperar a proposta final, colocada no papel. Para o presidente do Clube de Paris, a palavra agora está mais com os bancos privados, pois foi a eles que o ministro brasileiro se dirigiu prioritariamente.

Já o representante canadense do Departamento de Finanças, Yves Fortin, não poupou críticas, dizendo que seria melhor para o ministro Bresser Pereira discutir discretamente com os credores, pois não estaria arriscando tanto capital político, inclusive internamente no Brasil, caso seja negativa a posição dos bancos. A seu ver, Bresser foi imprudente em anunciar publicamente sua proposta, acreditando que isso deveria ter sido feito com muito mais circunspecção.

Aliás, alguns funcionários brasileiros reconhecem que serão necessárias longas conversas para que certos representantes da comunidade financeira internacional assimilem totalmente a proposta do governo de Brasília. Por isso, essas áreas não estranham que as primeiras reações possam ter sido contraditórias. A proposta só poderá ser digerida mais facilmente quando for apresentada em sua forma definitiva.

O próprio ministro Bresser Pereira explicou que esperou todo esse tempo para apresentá-la, aguardando que o País estivesse mais forte, melhorando suas reservas.

Bracher satisfeito

Essa reação pouco animadora de certas áreas financeiras internacionais não corresponde às opiniões recolhidas nos últimos dias pelo assessor especial do Ministério da Fazenda para a dívida externa, Fernão Bracher, junto a altas autoridades monetárias. Bracher chegou ontem a Viena, acompanhado do diretor do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, após terem efetuado uma verdadeira maratona por três países europeus: França, Suíça e Alemanha Ocidental em apenas 36 horas. Nesses países ele recolheu opiniões favoráveis à iniciativa brasileira, tendo estado com Jacques de Larosière, presidente do Banco da França, e, inclusive, recebido sugestões que considerou interessantes para a formulação da proposta definitiva brasileira.

Dessa forma, é bem provável que as sugestões do ex-diretor do Fundo Monetário Internacional sejam incorporadas à proposta do governo do Brasil, o que indica o seu caráter multilateral. A dupla de

negociadores brasileiros voou da França para a Alemanha, avistando-se em Frankfurt com o presidente do **Deutsche Bank**, Alfred Herhausen, de quem também ouviu uma opinião positiva sobre a iniciativa brasileira. Na Suíça, seus contatos foram com Guido Hauselmann, da União de Bancos Suíços, e Alberto Tognoni, do **Swiss Bank**. No domingo, Fernão Bracher seguirá para Londres com o mesmo objetivo e na terça-feira estará nos Estados Unidos.

A grande dúvida

Após as explicações do ministro Bresser Pereira aos participantes da reunião de Viena, a grande dúvida se referia às garantias à parte da dívida convertida em títulos. Fernão Bracher repetiu o que o ministro da Fazenda já havia dito, de que a principal garantia é a própria capacidade de pagar do País, lembrando que ninguém quer ficar fora do mercado. Ele citou o senador democrata Charles Schumer, que apoiando a iniciativa disse que não via, em tal circunstância, maior garantia, desde que se formulasse um programa conjunto entre o devedor e os credores. Assim sendo, veria com bons olhos que organismos como o Banco Mundial pudessem ser mobilizados para participar de um esquema de garantia da dívida.

Outro senador democrata, Bill Bradley, deixou um bilhete para o ministro Bresser Pereira nas mãos do embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, também presente em Viena. No bilhete, o senador democrata destaca a importância da iniciativa, afirmando que ela deve ser estimulada por se tratar do primeiro país devedor que assume tal posição, destacando também como importante a própria presença do ministro da Fazenda em Viena para expor as linhas gerais da nova estratégia do governo de Brasília em relação à dívida externa.

Banco Mundial esquivo

O representante do Banco Mundial no encontro de Viena, Ernst Stern, explicou que também era cedo para uma apreciação definitiva e que tudo dependeria de como essa proposta seria estruturada. Indagado se o Banco Mundial poderia dar garantias para a parte da dívida transformada em títulos, mostrou-se esquivo. Disse que o Banco Mundial já deu garantias para o México, Chile e Uruguai, quando de seus respectivos processos de reescalonamento, mas sempre sobre o principal e nunca sobre os juros. Lembrou ainda que no caso desses países, as garantias já faziam parte do pacote negociado, anteriormente, com o Fundo Monetário Internacional. A exemplo de Jean Claude Trichet, também Ernst Stern considera que a principal reação deve ser recolhida junto aos bancos comerciais.

A maior parte dos participantes da reunião de Viena continua considerando que o grande obstáculo para o êxito das negociações permanece o mesmo, tendo sido apenas citado por Bresser Pereira no final da palestra, quando admitiu que só na fase terminal do processo de negociação haverá disponibilidade brasileira para um acordo com o Fundo Monetário Internacional. Os credores, públicos e privados, continuam querendo iniciar o processo por essa via.

Programa de Bresser

O ministro Bresser Pereira juntou ontem com um grupo reduzido de banqueiros internacionais em Viena, quando voltou a expor a evolução da situação econômica do Brasil. Hoje, ele permanecerá na capital austríaca, mas vai aproveitar para descansar e assistir a uma ópera em companhia do embaixador do Brasil, João Tabajara. No domingo, Bresser embarca para os Estados Unidos para encontrar-se com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker.

Reale Jr., de Viena